



A EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA: resgate histórico e perfil atual

Thatiane Cristina Ponciano dos Santos
Universidade Federal da Paraíba

Ivan Targino Moreira
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

A pesquisa teve como objetivo resgatar o histórico da extensão em educação popular na UFPB e traçar o perfil atual desse segmento da extensão de modo a contribuir para ações futuras de apoio a essas iniciativas. O trabalho foi desenvolvido com metodologia exploratória descritiva de abordagem qualitativa e utilizou, como instrumento de coleta de dados, a entrevista semiestruturada e levantamento de informações em documentos sobre a extensão na UFPB. Após discutir a temática extensão e educação popular, a pesquisa fez um levantamento através de documentos e legislações sobre a institucionalização da extensão na UFPB. Em seguida, mapeou projetos de extensão em educação popular nos anais dos encontros de extensão da UFPB entre 1994 e 2016 com o objetivo de resgatar a perspectiva histórica desse segmento. Nesse resgate foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas, destinadas a coordenadores de projetos expressivos dos anos 1990. O instrumento proporcionou complementar a pesquisa documental, trouxe elementos importantes do processo histórico, como também peculiaridades dos projetos que a pesquisa documental não alcançou. Para traçar o perfil atual foi realizado um mapeamento dos projetos de extensão em educação popular do ano de 2019 pelo sistema SIGAA no módulo extensão.

Palavras-chave: UFPB; Extensão Universitária; Educação Popular

EXTENSION IN POPULAR EDUCATION AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PARAÍBA: historical rescue and current profile

Abstract

The research aimed to rescue the history of extension in popular education at UFPB and outline the current profile of this extension segment in order to contribute to future actions to support these initiatives. The work was developed with a descriptive exploratory methodology with a qualitative approach and used, as a data collection instrument, the semi-structured interview and information

gathering in documents about the extension at UFPB. After discussing the theme of extension and popular education, the research carried out a survey through documents and legislation on the institutionalization of extension at UFPB. Then, it mapped extension projects in popular education in the annals of UFPB extension meetings between 1994 and 2016 with the objective of rescuing the historical perspective of this segment. In this rescue, semi-structured interviews were used, aimed at coordinators of expressive projects in the 1990s. The instrument provided a complement to the documentary research, bringing important elements of the historical process, as well as peculiarities of the projects that the documentary research did not reach. To trace the current profile, a mapping of the extension projects in popular education of the year 2019 was carried out by the SIGAA system in the extension module.

Keywords: UFPB; University Extension; Popular Education.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa com o título de “Extensão em Educação Popular na Universidade Federal da Paraíba: resgate histórico e perfil atual” foi provocada pela necessidade de contribuir com o alcance dos objetivos da Coordenação de Educação Popular, vinculada à Pró-Reitoria de Extensão. A problemática levantada ensejou as seguintes perguntas norteadoras: Em que medida se propõem avanços, sem um histórico efetivo da extensão em educação popular? De que forma as ações de extensão em educação popular podem ser sistematizadas? Diante desses questionamentos, foi elaborado como objetivo geral: resgatar o histórico da extensão em educação popular na UFPB e levantar dados atuais que possam estabelecer o perfil desse segmento da extensão na instituição.

Além dessa introdução, o artigo comporta mais três seções. Na segunda, é feita uma exposição dos fundamentos históricos e teóricos da temática estudada. Na terceira, são expostos os procedimentos metodológicos adotados. Na quarta, há a tentativa do resgate histórico da extensão em educação popular na UFPB. Na quinta, é apresentado o perfil atual deste segmento da extensão universitária com base nos dados existentes no SIGAA- UFPB (Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas). Por último, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

FUNDAMENTOS TEÓRICO- HISTÓRICOS DA EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR

A extensão universitária é uma das três dimensões que compõem a Universidade, formando junto ao ensino e à pesquisa sua tríade basilar. É consenso que essas três dimensões são indissociáveis, complementares e fundamentais. Inferimos daí sua importância para a manutenção de uma instituição que carrega em seu cerne a pretensão de aliar a produção do saber à responsabilidade social.

Um dos principais objetivos da extensão universitária é transpor os muros institucionais e possibilitar a troca de saberes entre a academia e a sociedade. Por vezes, a universidade é quem transpõe esses muros e vai até à comunidade externa com a intenção de estabelecer processos democráticos de construção de saberes.

Em outros momentos, a comunidade externa adentra esses muros em busca de formas institucionalizadas de aprendizagens.

Um marco importante para a institucionalização e conceituação da extensão universitária foi a realização, em 1987, na Universidade de Brasília – UNB, do I Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, que resultou na criação do Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas, hoje denominado Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. Esse conceito foi reelaborado pelo Fórum, no documento Política Nacional de Extensão Universitária (2006), como segue:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (FORPROEX, 2006, p.28)

De acordo com Targino (1998), essa visão do Fórum de Pró-Reitores de Extensão, já estava consolidada no artigo 207 da Constituição Federal quando afirma que: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.”

Santos Junior, refletindo sobre a extensão universitária, destaca que ela também é produtora de conhecimento, mas diferentemente da atividade de pesquisa, o conhecimento gerado pela extensão resulta de uma relação dialógica entre os sujeitos, como segue:

No nosso entendimento, a extensão universitária é produtora de um conhecimento resultante das experiências nas quais os sujeitos se revezam nos papéis de autores e coautores de autonomia e interdependência e, quando são construídas numa relação dialógica, outros conhecimentos nascem a partir do entrelaçamento de visões de mundo semelhantes ou diferentes. (SANTOS JÚNIOR, 2013, p. 299-230)

A extensão universitária é, portanto, uma parte relevante da IES, sendo responsável pela relação universidade e sociedade. Daí, a importância do Forproex em articular, nos Encontros e Congressos da Extensão Universitária, a comunidade universitária com experiências inovadoras nos diversos campos, buscando transformar e dar um sentido maior ao compromisso social.

Na mesma direção, tem surgido um movimento nacional nas Universidades Brasileiras: a Articulação Nacional de Extensão Popular (Anepop), que vem com a proposta de pautar junto com as Pró-Reitorias um tipo diferente de fazer extensão,

que envolve atores como estudantes, professores, comunidades e movimentos sociais em ações de extensão norteadas pelos princípios teórico-metodológicos da Educação Popular.

Antes de conceituar extensão em educação popular, convém definir o que se entende por educação popular. É importante frisar um conceito do campo de estudo dessa pesquisa, através de uma análise bibliográfica desse tema. Podemos destacar que Brandão (2006) identificou quatro conotações para o conceito de educação popular:

Assim, procuro explorar pelo menos quatro diferentes sentidos da educação popular: 1) como a educação da comunidade primitiva anterior à divisão social do saber; 2) como a educação do ensino público; 3) como educação das classes populares; 4) como a educação da sociedade igualitária. (BRANDÃO, 2006, p.5)

Nessa mesma direção, Maciel (2011) enquadra, historicamente, Educação Popular em três concepções. A primeira é definida como educação de jovens e adultos, a segunda é a educação popular acontecendo fora do espaço escolar e a terceira concepção dá-se em educação popular acontecendo dentro e fora do espaço escolar. Ainda no entendimento de Maciel (2011), educação popular tem seu fundamento baseado na *pedagogia freireana*¹ que defende o conhecimento como porta de entrada para vencer o modelo capitalista e mecanicista existente em nosso país, permitindo a observação da realidade que vivemos e trazer novas propostas para a mudança social.

A partir da compreensão de educação popular enunciada por Brandão (2006) e, em certo sentido, considerada por Maciel (2011), neste trabalho, consideramos que a extensão em educação popular compreende três dimensões: como ações voltadas para melhoria da educação do ensino público; como atividades focadas na educação das classes populares; e como ações que objetivam a educação para uma sociedade igualitária.

Melo Neto (2015) completa que educação popular é um modelo de educação conduzido por uma pedagogia de interação das pessoas e da troca dos saberes, que tem como seu elemento fundamental o diálogo. Ela vive em constante mudança e construção de novas formas de se relacionar buscando o bem social. Afirma que o conhecimento produzido deve partir da realidade neste processo de educação e que a partir da dimensão dessa realidade é possível enxergar as questões a serem levantadas, bem como os possíveis problemas e soluções.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida através de um estudo exploratório e descritivo de análise qualitativa, articulando a pesquisa bibliográfica, a documental e a direta. Gil (2008) afirma que pesquisa exploratória tem como objetivo aproximar uma visão geral em torno de um fato e a forma descritiva consiste em analisar os registros já

conhecidos com intenção de proporcionar nova visão sobre uma realidade já afirmada, por meio de coleta de dados.

Já Godoy (1995) ressalta que a pesquisa descritiva busca compreender o fenômeno como um todo a partir das perspectivas dos participantes, considerando todos os pontos de vistas importantes. Minayo (1994, p. 21-22) define a pesquisa qualitativa como aquela proposta que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

A pesquisa teve como lócus de investigação os campi da UFPB, particularmente o Campus I. Para alcançar o primeiro objetivo específico foi feito um levantamento bibliográfico, visando apresentar o “estado das artes” sobre a extensão em educação popular. Para tanto foram pesquisados documentos, artigos, livros que abordam a questão, com destaque para os documentos do Forproex e da Anepop.

Sobre a institucionalização da extensão universitária na UFPB, foram investigados documentos e legislações de extensão em educação popular no âmbito da universidade. Para identificar os principais projetos na história da extensão em educação popular foi feito um levantamento com base nos anais dos encontros de extensão, realizados em 1995, 1996, 1999 em formato impresso e de 2007 a 2016 em formato digital. O acesso aos projetos dos anos de 2009 a 2011 só estavam disponíveis para baixar os arquivos. Os anais dos encontros dos anos 1994, 1997, 1998, 2000 a 2006 não estavam disponíveis seja no formato impresso, seja no digitalⁱⁱ.

Para uma investigação mais aprofundada com a finalidade de resgatar o histórico da extensão em educação popular, foram realizadas, como instrumento de coleta, entrevistas semiestruturadas com extensionistas protagonistas de ações que utilizavam como eixo teórico-metodológico a educação popular, sobretudo os dos anos 1990, período pós constituinte, quando se intensificam nas universidades a realização de uma extensão crítica e emancipatória.

As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra, e sujeitas à análise de conteúdo. Entende-se por análise de conteúdo “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2009, p. 44)

Para análise de dados foram escolhidas sete categorias que correspondessem às especificações dos projetos. Baseados no roteiro de entrevistas, chegamos às seguintes categorias: Concepção de educação popular; Motivação/Demandas; Participação dos atores envolvidos; Locais de atuação; Ações desenvolvidas; Apoios recebidos; Registro das ações. Foi utilizado o software Maxqda Brasil, para a análise qualitativa das entrevistas.

Para traçar o perfil atual da extensão em educação popular na UFPB, foi feito o levantamento dos projetos de extensão em educação popular do ano de 2019 através do SIGAA no módulo extensão. O tipo de ação de extensão denominado como “projetos” foi escolhido por essa modalidade, atualmente, ser a única que disputa bolsas para discentes através dos editais internos: edital 01/2019 PROBEX 2019 e 03/2019 UFPB no seu Município, e conseqüentemente tem maior

abrangência em relação às outras modalidades, mas também foi campo de investigação o Edital 02/2019 Fluex 2019 que não oferta bolsas de extensão. Neste sentido, o mapeamento auxiliou-nos a mensurar um quantitativo de projetos que utilizam a metodologia de educação popular concluídos em 2019 e traçar o perfil desse segmento na instituição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DO RESGATE HISTÓRICO

Na tentativa de rastrear a história da extensão em educação popular na UFPB, dividimos esse esforço de reconstituição em 4 períodos, a seguir discutidos.

A extensão em educação popular antes de 1995

As primeiras experiências de educação popular aconteceram na extensão mesmo que de forma não oficial. Eram ações desenvolvidas em resposta às demandas populares, caracterizadas como ações culturais antes de 1964, quando veio o golpe militar e tornou esse movimento restritivo.

Segundo Vasconcelos (2011), diversos foram os fatores que impulsionaram a prática da educação popular na UFPB. Em meados de 1970, devido as pastorais da Igreja Católica desenvolverem trabalhos orientados pela educação popular, muitos intelectuais vieram para a Paraíba, e alguns desses permaneceram na UFPB engajados em trabalhos sociais (IENO NETO, 2005).

Na Paraíba, também se iniciou um processo de resistência à ditadura militar. Zenaide (2010) destaca os primeiros movimentos de resistência, que mobilizados conseguiram construir diversos espaços de lutas. Na sua tese, a autora faz referência aos movimentos criados na Paraíba e as iniciativas da UFPB nesses campos de lutas.

Neste sentido, a UFPB se alia às assessorias de movimentos populares e sindicais com a iniciativa da criação de um espaço para difundir a extensão como um processo que produz criticamente através da junção de várias áreas do saber científico com os saberes populares. Um desses espaços foi o Serviço de Assessoria aos Movimentos Sociais e Populares – Seampo, localizado no CCHLA. Teve como principais articuladores, o professor Genaro Ieno Neto e a Professora Dulce Cantalice. Mesmo antes da criação, em 1985, vinham trabalhando com ações em educação popular, que evolve o trabalho no meio rural e seus conflitos (ZENAIDE, 2010).

O Seampo utiliza a metodologia fundamentada nos princípios da educação popular com os atores envolvidos no processo educativo e vem desenvolvendo, de forma interdisciplinar, práticas educativas nas temáticas de gênero, alfabetização de jovens e adultos, saúde do trabalhador, educação popular e ética na política (SILVA; LINS, 2017).

O envolvimento da UFPB com a educação popular ganha maior impulso com a criação, em 1977, do curso de Mestrado em Educação e, particularmente, com o estabelecimento da área de concentração em Educação Popular, o que possibilitou difundir o eixo teórico metodológico da educação popular na instituiçãoⁱⁱⁱ.

Nesse período, por volta de 1987, a Educação Popular na universidade passa a se desenvolver como projetos de extensão e não só como ações isoladas de militantes engajados nas demandas sociais. Ganha dimensão particular a atividades de extensão em educação popular na área de saúde. São exemplos disso, o Projeto de Plantas Medicinais, coordenado pela Professora Rinalda de Araújo Oliveira, o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (Ceresat), coordenado pela Professora Tereza Mitsunaga e o Núcleo de Atuação Comunitária – NAC, coordenado pelo Professor José Eymard, envolvendo discentes do curso de medicina e de outros cursos do CCS (VASCONCELOS, 2011).

Vasconcelos (2011) conclui que essas experiências não estão isoladas e que, constantemente, surgem novas mobilizações na busca de uma nova universidade e destaca:

A reconstrução da Universidade brasileira é, hoje, um grande e importante movimento interno à própria Universidade. Todos os dias, diversos coletivos de professores, estudantes, técnicos e movimentos sociais vêm empenhando seu trabalho para construir essa nova Universidade, cujo conhecimento esteja lado a lado com a sabedoria do povo. Uma instituição do saber que ganhe sentido através da colaboração, do diálogo de saberes, de relações humanizantes de valorização da espiritualidade (VASCONCELOS, p. 23, 2011).

O atual coordenador de Educação Popular, em entrevista, traçou um cenário da extensão em educação popular quando ele chegou à instituição, nos seguintes termos: “[...] Antes de noventa já tinha grupos de estudos da educação popular, aqui. [...] Eu cheguei na Pró-Reitoria de Extensão em mil novecentos e oitenta e cinco”. Dentre os grupos de extensão de seu conhecimento, ele destaca:

- a) De oitenta e cinco a oitenta e sete, eu encontrei um grupo que trabalhava com educação popular e saúde, que envolvia o professor Eymar Mourão de Vasconcelos, o professor Genaro Ieno, a professora Glaucia Ieno, a professora Tereza Mitsunaga que criou o *Centro de Referência em Saúde do Trabalhador - Ceresat*.
- b) Tinha a professora Rinalda, que trabalhava com as plantas medicinais com a professora Graça, tudo na linha da educação popular e saúde.
- c) A professora Nelcina que era da nutrição, nessa oportunidade, ela ainda era casada com o professor Eymar Mourão de Vasconcelos, eles vinham de um programa que desenvolvia extensão no Brejo, se eu não me engano era Hora do Trabalhador, o nome desse programa. [...]
- d) No Centro de Educação, tinha um grupo ligado ao professor Timothy Ireland. Ele tinha um projeto chamado Zé Peão, um programa de educação popular nas construções, pela linha sindical. [...]

- e) Depois, em mil novecentos e noventa e três, aparece aqui o professor José Francisco de Melo Neto. Ele vem desenvolver a tese de doutorado dele, numa linha de extensão buscando a educação popular.
- f) Em mil novecentos e noventa, é criado aqui o programa chamado Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária, esse programa que eu coordeno até hoje, mais a Coordenação de Programas de Ação Comunitária, chamada Copac. Cria-se nesse setor da Prac, um espaço que agrega outras experiências de educação popular. Aí vem uma linha de educação popular em saúde, que agrega esses trabalhos que vai aparecer o projeto de professor Eymar, de professor Dailton, da professora Kátia, nessa região, é chamada de saúde do trabalhador, saúde na comunidade, Pespap, aí tem outros nomes, tem vários nomes, [...]
- g) um outro grupo envereda-se pelo projeto de extensão, é o Projeto Catarina, o projeto também que é da Prac e que virou um projeto de extensão na área da educação popular em cultura, que o professor Fernando Abath, coordena há algum tempo. [...] Eu estou falando dessa referência da Pró-Reitoria, isso implica dizer que não é só a Pró-Reitoria que tem esse trabalho.
- h) Lá no Centro de Educação, tem um projeto de Educação do Campo, que também vai na linha da educação popular, com o professor Luiz [...] com a professora Socorro Xavier que trabalha com educação do campo em assentamentos rurais e a linha toda freiriana nesse resgate [...]
- i) tinha um projeto da Professora Emília de Rodat, em geografia, se eu não me engano é o Projeto Conhecendo a Paraíba, desenvolvido no Logepa e que trabalhava com a questão ambiental e fortalecendo as áreas de assentamentos rurais.
- j) Outros professores, como professor Luzival, que hoje é do Departamento de Ciência da Religião, desenvolveu um programa da educação popular junto aos índios tanto Tabajara como Potiguara.
- k) O professor Paulo Palhano tem um programa de estudo chamado GEPeeeS, que é um grupo de estudo da educação popular, na linha Freiriana [...]

Os registros dessas experiências relatadas pelo entrevistado foram importantes para identificar a trajetória histórica dos projetos de extensão em educação popular na UFPB. Na verdade, essas experiências têm registros bem dispersos. Podem ser encontrados em livros, trabalhos científicos, revistas impressas, revistas eletrônicas e nos anais dos encontros de extensão. Diante do que vem sendo praticado na UFPB em relação a registro, percebe-se em determinados períodos a preocupação em sistematizar e registrar as ações de extensão, porém em sua trajetória encontra-se descontinuidade de iniciativas consideradas importantes para a manutenção do registro dessas ações. Em virtude das deficiências dos registros nessa primeira fase, foram realizadas entrevistas com coordenadores de alguns projetos que foram mais referenciados e que chamaram a nossa atenção pela sua permanência e pelos seus impactos positivos tanto no ambiente universitário, quanto junto à população

alvo. São eles: o Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária – Piac; o Projeto Escola Zé Peão; o Projeto Arte e Cultura Catarina; o Projeto Plantas Medicinais; e o Projeto Universidade, Educação Popular e Direitos Humanos. Com base nas entrevistas realizadas com os coordenadores desses projetos, passamos a fazer uma descrição sucinta dos mesmos.

a) Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária – Piac

De acordo com a fala do coordenador, o Programa teve início em 1987 com a suspensão da Pesca da Baleia em Costinha, que ocasionou vários danos para a população que lá habitava. Depois o programa migra abrangendo áreas da reforma agrária, assentamentos rurais, quilombos, índios e todos os periféricos que estão excluídos do processo produtivo oficial. O objetivo é trabalhar a organização da comunidade e posteriormente a formação, produção e qualidade de vida, dialogando com o saber popular através dos princípios da educação popular se estendendo ao conceito de extensão popular. Todo o processo de elaboração dos trabalhos é construído com a comunidade e os estudantes participam ativamente através do estágio de vivência nas comunidades. O programa conta com o apoio de ONGs e movimentos sociais para tocar suas atividades. Quanto ao registro dessas atividades executadas no programa, é realizado através de relatórios e de acordo com o entrevistado, de forma “muito pobre” e em livros por iniciativa do coordenador, onde ele busca registrar as vivências desenvolvidas no programa.

b) Projeto Escola Zé Peão

É um projeto bastante expressivo, iniciado na década de 1990 e que ao longo da sua jornada, agregou outros projetos de extensão. O Projeto Zé Peão foi criado em 1991, com o objetivo de atender as demandas de alfabetização de operários da Indústria da Construção Civil com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de João Pessoa - Sintricom. O projeto escola Zé Peão foi resultado da união da universidade com o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de João Pessoa, em um período pós constituinte em que o índice de analfabetismo estava elevado. O Projeto trabalha com a educação na perspectiva emancipatória e de libertação da opressão. O projeto consistia na formação de operários nos canteiros de obras da grande João Pessoa, obras em sua grande maioria situadas na orla, onde as construções estavam concentradas. As ações educativas eram desenvolvidas também fora dos canteiros de obras como ferramenta lúdica e participativa, atividades como oficina de artes e biblioteca volante. A participação dos alunos bolsistas era diária, aplicavam a teoria que estudavam na universidade na prática dos canteiros de obras à noite. Dessa forma, o projeto além de proporcionar o acesso à educação aos operários, fornecia aos estudantes uma contribuição significativa em suas formações, a maioria eram estudantes de licenciaturas da UFPB. O apoio principal do projeto vinha do Sindicato, mas contava também com bolsas de extensão da Pró-Reitoria de Extensão e da colaboração de Ongs internacionais. O coordenador do projeto afirma que a maior parte dos registros dessas ações consta em trabalhos científicos como artigos, dissertações e teses, e foi registrado também em vídeos produzidos pela equipe do projeto e por

programas de Tvs. Parte desse material está disponibilizado no site do sindicato. O projeto proporcionava atividades que posteriormente originaram outros projetos, a exemplo da Biblioteca Volante e Varanda Vídeo. Ao longo de sua trajetória, tornou-se um programa que se articulou com outros programas e projetos, somando uma rede de apoio e construção do conhecimento partilhado na perspectiva da educação popular. Dentre eles é possível mencionar, Projeto Ação Cultural, Projeto Apoio Pedagógico, Projeto Pela Saúde dos Zé Piões e Projeto AMCO – Aprendizagem Móvel no Canteiro de Obras.

c) Projeto Arte e Cultura Catarina

Inicialmente, a atividade era denominada como Projeto Cabedelo. Ele foi criado em 1981, devido ao fluxo de identidades culturais ser intenso nesse período. Cabedelo uma cidade portuária necessitava de ações de preservação da cultura local. O projeto Cabedelo foi extinto e, em 1993, foi reformulado com o nome Projeto Arte de Cultura Catarina, seguindo a mesma perspectiva, só que agora de forma mais ampliada. O projeto buscou mapear o município de Cabedelo para iniciar suas atividades, com os dados levantados, identificou as manifestações culturais preservadas como Nau Catarineta, Coco de Roda, Paixão de Cristo entre outros. O projeto visa dialogar com as escolas da rede municipal, para a continuação e preservação da identidade cultural de cabedelo, como também com toda população cabedelense. É sediado nas dependências da Fortaleza de Santa Catarina e trabalha na perspectiva dos princípios da Educação Popular, seguindo o pensamento de Paulo Freire em que deve existir a interação entre o saber popular com o saber científico, que ambos são saberes distintos, deveras importantes. O projeto deixa totalmente livre a participação da comunidade e dos estudantes, qualquer conhecimento nesse projeto é utilizado de forma participativa e o fio condutor é sempre a identidade cultural. Já passaram pelo projeto estudantes de diversos cursos, servidores e docentes, sempre agregando seu saber com o fio condutor da identidade cultural. Na valorização da cultura são realizados oficinas, seminários e curso curta e de média duração com metodologias participativas. O coordenador comenta a dificuldade que o projeto já enfrentou em termos financeiros. O aporte financeiro sempre inconstante e depende de iniciativas internas ou externas, seja a dependência de editais de financiamento seja de apoio institucional da UFPB, dependendo do entendimento das pessoas que assumem função na Prac. Esse movimento é cíclico, de modo que o funcionamento efetivo depende do envolvimento financeiro das pessoas participantes do projeto. Mesmo com todas as dificuldades o núcleo central permanece e com o apoio da ONGs comunitárias continuam exercendo suas atividades. Um dos fatores principais para a permanência do projeto até hoje, é que os cabedelenses se empoderaram de sua cultura, defendem e preservam mesmo sem a presença da instituição. Esse é o propósito de projetos na perspectiva libertadora e da emancipação.

d) Projeto Plantas Medicinais

Para a coordenadora do projeto em Plantas Medicinais, que trabalha na perspectiva *freirena*, educação popular é um processo em que a academia devolve para o povo

os conhecimentos que deles vieram e foram aprimorados pela ciência. Fazer extensão é decifrar em uma linguagem facilitadora o conhecimento transformado, congregando o saber popular com o saber científico. O projeto consiste na formação de pessoas ligadas à pastoral da Saúde e Pastoral da Criança, realizada através de cursos de um ano e seis meses de duração. As ações eram registradas no Departamento de Fisiologia e Patologia do qual a coordenadora é integrante. O referido projeto não tinha financiamento, limitando-se ao acesso a bolsas de extensão. A coordenadora destaca a importância da participação dos alunos bolsistas e colaboradores no desenvolvimento da ação extensionista. De preferência trabalhava em projetos sem financiamento. Quando o projeto tinha financiamento, ela preferia participar como colaboradora. Não explicitou as razões para essa escolha.

e) Projeto Universidade, Educação Popular e Direitos Humanos

Esse projeto surgiu no contexto da Constituinte de 1988. Era preciso formar as pessoas numa perspectiva cidadã. Era preciso sedimentar os direitos da constituinte, pois nem todos tinham o conhecimento desses direitos. Quando a coordenadora do projeto começa a participar da comissão de Direitos Humanos da UFPB, ela implanta esse projeto, utilizando os princípios da educação popular. O projeto enfatiza a utilização de metodologias participativas que geram reflexão. Mesmo nos cursos que eram feitos, ela começou a implementar metodologias como oficinas de História de Vida e Psicodrama Pedagógico. O projeto atuava com policiais militares, jovens da comunidade Sítio Laranjeiras, na comunidade do Geisel e Colégio Sesquicentenário. A entrevistada cita as dificuldades de financiamento da extensão. Durante o governo FHC não tinha financiamento para as atividades de extensão. O apoio recebido era dos lugares onde o projeto atuava. Em relação aos conteúdos trabalhados, havia a prática recorrente de buscar apoio em outros Departamentos. Esse apoio era facilitado pela posição que a coordenadora ocupava na Prac, isto é coordenadora da Copac durante a gestão do professor Jader Nunes. Na qualidade de coordenadora da Copac, ela recebia diversas demandas a respeito da questão dos direitos humanos. Outros projetos foram citados na entrevista em relação à área de direitos humanos. A entrevistada afirma que a base dos projetos que se abrigaram na Copac durante esse período está centrada na metodologia participativa, pois não tem como inserir os direitos humanos em uma visão vertical. Na entrevista, a coordenadora ressalta dois aspectos importantes. O primeiro diz respeito à metodologia empregada. Tratava-se de uma metodologia participativa, fazendo com que os participantes das atividades tivessem um papel ativo. Através da participação, o projeto procurava ajudar na construção de uma consciência crítica sobre os direitos humanos, ultrapassando a visão de que direitos humanos é uma questão que não nos diz respeito. O segundo aspecto refere-se à necessidade de se escutar as necessidades dos demandantes do serviço, fugindo de uma prática de imposição de um pensamento já pronto na academia. A coordenadora também ressalta a importância da realização de registros das atividades. Os registros não se limitam apenas a uma forma de garantir a memória das atividades extensionistas. Os registros são, principalmente, um mecanismo de reflexão sobre as atividades realizadas e, nessa medida, integram o processo de avaliação. Os registros elaborados estão arquivados na Comissão de Direitos Humanos da UFPB.

Período de 1995 a 1999

Como a pesquisa se propôs a resgatar a memória da extensão em educação popular na instituição, buscou-se através dos anais dos encontros de extensão, encontrar projetos que compactuam com esse campo do saber. Com esse trabalho não se pretende esgotar a temática em questão, mas pretende contribuir com futuras pesquisas e levantar subsídios de como vem sendo trabalhada a educação popular na UFPB.

Nos anos de 1995, 1996 e 1999, de acordo com a conceituação de Brandão (2006) exposta na segunda seção deste artigo, foram identificados, no período em questão, 70 projetos de extensão em educação popular, distribuídos por diferentes setores da UFPB: 10 projetos no Centro de Educação; 18 na Prac (11 na Copac – Coordenação de Programas de Ação Comunitária, 3 na Coex – Coordenação de Extensão Cultural, 2 no Nuppo – Núcleo de Pesquisa e Documentação em Cultura Popular, 1 no NAC – Núcleo de Arte Contemporânea e 1 no NTU – Núcleo de Teatro Universitário); 15 no Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (12 nos departamentos e 3 no Seampo – Setor de Estudos e Assessoria aos Movimentos Populares); 11 no Centro de Ciências da Saúde (9 nos Departamentos, 1 no NEPH – Núcleo de Estudos e Pesquisas Homeopáticas e 1 no Nesc – Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva); 3 no Centro de Humanidades; 7 no Centro de Formação de Professores; 1 no Centro de Ciências Sociais Aplicadas; 2 no Centro de Ciências Exatas e da Natureza; 1 no Centro de Formação de Tecnólogos; 1 no Centro de Ciências Jurídicas e Sociais; e 1 no NDIHR – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional.

Analisando a relação desses projetos, segundo a categorização da extensão em educação popular proposta por Brandão (2006), temos que duas categorias congregam a grande maioria dos projetos: educação do ensino público e educação das classes populares, que somam 21 e 44 projetos, respectivamente. Essa constatação reforça, de um lado, o papel dos centros voltados para a formação de pessoal para o ensino e, de outro lado, o compromisso de grande número de extensionistas com os movimentos e causas populares.

Período de 2000 a 2009

No período compreendido entre 2000 e 2009, foram identificados projetos de extensão em educação popular com base nos anais dos encontros de extensão dos anos de 2007, 2008 e 2009 disponibilizados no site da Pró-Reitoria de Extensão. Até o término dessa pesquisa, só estavam disponíveis as informações a partir de 2007. Nesse período, os projetos ficam disponíveis em formato resumo e formato trabalho completo, mais nem todos os projetos têm o trabalho completo disponibilizado.

Nesse período foram identificados 48 projetos. Devemos ressaltar, de início, que não é possível comparar com o número de projetos contabilizados no período anterior por duas razões principais. Em primeiro lugar, em 2002, houve a criação da Universidade de Campina Grande, subtraindo quatro Campi da UFPB. Em segundo lugar, pela diferença das fontes de informação, pois no último período os

dados foram colhidos nos registros digitais da Prac e boa parte do material não está disponível para a coleta dos dados.

Apesar das limitações apontadas para se proceder a comparações entre esse período e o anterior, é possível apontar alguns aspectos importantes, a saber:

- a) os Centros que oferecem cursos relacionados com a formação de professores detêm um número expressivo de projetos, cerca de 40%;
- b) há uma redução expressiva no número de projetos da Prac, tanto nos sob responsabilidade da Copac, quanto da Coex. De modo particular, os Núcleos não têm projetos registrados;
- c) houve um aumento nos projetos do CCS. A maior parte dos projetos está relacionada com a saúde familiar e com a saúde comunitária, possivelmente, isso mantém relação com a expansão dos serviços de saúde resultado do fortalecimento do SUS e da política de saúde familiar do governo federal a partir do Governo Lula;

Dentre os projetos rastreados na década de 2000 alguns merecem destaque seja pela sua longevidade, seja pela abordagem inovadora na questão da saúde familiar e comunitária. Aqui são lembrados, especialmente, três projetos: a) o Projeto Catarina; b) o Projeto Conhecendo a Paraíba; e o Projeto Educação Popular e Atenção à Saúde do Trabalhador (Pepast).

Período de 2010 a 2016

Dando continuidade ao resgate histórico da extensão em educação popular, foram identificados os projetos que adotam a educação popular como eixo orientador das suas práticas no período de 2010 a 2016. Esse é um período em que a UFPB ainda não tinha um sistema mais eficiente de registro de atividades de extensão. A partir de 2017, o módulo extensão do SIGAA começou a ser utilizado. A partir de então, não só projetos, mas todas as propostas de extensão passaram a ser registradas no sistema através dos editais internos já mencionados.

Durante esse período, chama inicialmente a atenção o elevado número de projetos que foram realizados: 140 projetos. Alguns fatores podem ser arrolados para explicar esse desempenho. Dentre eles podem ser lembrados: a) ampliação do Programa de Bolsa de Extensão: Durante o reitorado da Professora Margareth de Fátima Diniz houve um significativo aumento do número de bolsas, bem como elevação do valor das mesmas, equiparado ao valor da bolsa do Pibic; b) Em 2003, o MEC retomou o programa de financiamento da extensão universitária com o lançamento do ProExt; vale lembrar que, no governo de Fernando Henrique, esse programa foi extinto, prejudicando bastante as atividades de extensão nas IES públicas; de acordo com o portal do MEC: “O Programa de Extensão Universitária (ProExt) tem o objetivo de apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuam para a implementação de políticas públicas”, particularmente aquelas que contribuam para a inserção social.; para o relançamento do financiamento foi decisiva a

atuação do Forprex; c) o lançamento de editais de financiamento para projetos de extensão por parte de agências de fomento (a exemplo da Finep, do CNPq, da Capes) e de empresas públicas federais (a exemplo da Petrobrás); d) a ampliação das políticas sociais por parte do governo federal, estimulando a participação das IFES na sua execução; e) difusão de temas propícios à intervenção das instituições de ensino superior, a exemplo da questão ambiental e a defesa dos direitos humanos; f) a ampliação do sistema federal de ensino superior, através do Reuni, com a criação de novos cursos, de novos centros acadêmicos, do estabelecimento de mais um campus na UFPB, implicando em expressivo crescimento do número de professores e alunos que se dispuseram a participar das atividades extensionistas.

Nesse período, também se verifica forte concentração de projetos em educação popular em alguns centros e na Prac: CCS, 29; CCHLA, 28; CCJ, 19; Prac, 14; CE, 12; CCM, 11; CCHSA, 8; CCAE, 8; CCEN, 4; CTDR, 3; CCSA, 2; CCA e CBIOTEC, um projeto cada. Na composição da origem dos projetos segundo as unidades administrativas, confirma-se o peso dos centros que lidam com as questões de saúde (CCS e CCM), bem como os centros que reúnem os cursos de formação de professores e com sensibilidade para o processo de inclusão social (CCHLA, CE, CCAE e CCHSA) além da Prac. Destaca-se, também, nesse período a importância que assume o CCJ com a execução de projetos de educação das classes populares voltados para a defesa dos direitos humanos. Continua a baixa participação de alguns centros na extensão, especialmente, no segmento aqui observado (educação popular) seja por se tratarem de unidades voltadas de modo mais forte para a pesquisa (a exemplo do CCEN e do CBIOTEC), seja por serem centros com pouca sensibilidade para a abordagem das questões relativas à inserção social (CCSA, CCA). No caso da Prac, observa-se, de um lado, a retomada de projetos nos núcleos de extensão e, de outro lado, o crescimento de iniciativas ligadas à economia solidária. Essas iniciativas estão vinculadas ao surgimento do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (Extelar), cuja criação se deve ao Professor José Francisco de Melo Neto, e que deu origem ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Economia Solidária e Educação Popular (NUPLAR) e à implantação da Incubadora de Empreendimentos Solidários (Incubes).

RESULTADOS E DISCUSSÃO DO O PERFIL ATUAL DA EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR NA UFPB

Com base nos dados coletados, foram produzidos quadros com a identificação de cada projeto de extensão que são elaborados na perspectiva da educação popular e submetidos aos editais Probex, Flux e UFPB no seu Município. Os projetos estão descritos pelo código, título, coordenador(a), e unidade proponente por área temática. Com destaque para as áreas temáticas que tiveram um número maior de projetos e a carência de projetos em determinadas áreas no período mencionado.

Ao mapear os projetos de extensão em educação popular, é possível traçar o perfil desse segmento na instituição, quais unidades se destacam na utilização dos princípios teóricos metodológicos, os departamentos envolvidos e os que não têm projetos registrados no ano de 2019 na metodologia da educação popular. Ao todo, foram encontrados 103 projetos que são executados nessa perspectiva, e identificados por centros do campus I e dos demais *campi*. Também foi possível

identificar iniciativas em unidades gestoras da instituição, conforme distribuição no quadro abaixo:

Quadro 1. Distribuição dos projetos de extensão popular na UFPB por unidade proponente - 2019

Unidade Proponente	N. de projetos	
	Fr. Absoluta	Fr. Relativa
Reitoria	1	0,97
PROEX	4	3,88
Pró-Reitoria de Extensão	2	1,94
Biblioteca Central/BC	2	1,94
Centro de Ciências Exatas e da Natureza	2	1,94
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes	14	13,59
Centro de Ciências Médicas	12	11,65
Centro de Educação	9	8,74
Centro de Ciências Sociais Aplicadas	4	3,88
Centro de Tecnologia	2	1,94
Centro de Ciências da Saúde	20	19,42
Centro de Ciências Jurídicas	10	9,71
Centro de Biotecnologia	1	0,97
Centro de Comunicação Turismo e Artes	5	4,85
Centro de Energias Alternativas e Renováveis	0	0,00
Centro de Informática	0	0,00
Centro de Tecnologia e Desenvolvimento Regional	3	2,91
Centro de Ciências Agrárias	0	0,00
Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias	8	7,77
Centro de Ciências Aplicadas e Educação	4	3,88
Total de projetos	103	100,00

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme o quadro acima, podemos identificar projetos desse segmento na maioria dos centros, campi e até mesmo em algumas unidades gestoras. O Centro de Ciências da Saúde é o que mais se destaca e lidera iniciativas de extensão em educação popular com 20 projetos, seguindo nessa perspectiva, temos o CCHLA com 14, o CCM com 12, o CCJ com 10 e o Centro de Educação com 9 projetos. Vale ressaltar a participação do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias que possui 8 projetos que levam a extensão para o Brejo Paraibano de forma humanizante, respeitando os saberes dos sujeitos envolvidos.

Dos 12 Departamentos do CCS, os projetos de educação popular são de iniciativas de nove (9) departamentos desse centro. Apenas os Departamentos de Ciências

Farmacêuticas, Fisiologia e Patologia e Morfologia não têm projetos registrados. Além da temática saúde, o CCS submete também projetos nas áreas temáticas da Cultura e Educação.

No CCHLA, os projetos estão concentrados nos departamentos de Ciências Sociais, Letras Clássicas e Vernáculas, História, Serviço Social, Letras Estrangeiras e Modernas, Psicologia e também pela Direção de Centro. Esse centro é o mais interdisciplinar, dialoga com as temáticas da Cultura, Direitos Humanos, Saúde, Trabalho e principalmente Educação.

No Centro de Ciências Médicas, 90% dos projetos de extensão em educação popular são do Departamento de Promoção à Saúde, com projetos consolidados há duas décadas, a exemplo do projeto “PalhaSUS”, esses projetos dialogam também com as áreas da Educação e Cultura.

Na temática de Direitos Humanos os projetos partem em sua grande maioria do Centro de Ciências Jurídicas, estão distribuídos da seguinte forma: sete (7) no Departamento de Ciências Jurídicas, dois (2) no Departamento de Direito Privado e um (1) no Departamento de Direito Público. O Núcleo de Extensão Popular Flor de Mandacaru (NEP), atua até os dias atuais com projetos consolidados há mais de 10 anos, e contribui com outros coletivos temáticos como feminismo, gênero, relações raciais, cultura entre outros movimentos marginalizados no nosso estado.

O Centro de Educação (CE) é um dos centros que mais contribui para difundir a educação popular na instituição, através do seu Programa de Pós Graduação em Educação que contém a linha de pesquisa em Educação Popular. No ano de 2019, apresentou nove (9) projetos distribuídos no Departamento de Habilitação Pedagógica que possui áreas de conhecimento voltadas para política e gestão educacional, educação infantil e especial, e planejamento e pesquisa. Como possui projetos voltados para as áreas organizacionais do Departamento de Metodologia da Educação.

Em relação aos outros *campi*, o CCHSA, antigo Centro de Formação de Tecnólogos, é o que mais apresenta projetos de extensão na concepção teórico-metodológica da educação popular, isto é, a educação que podemos vislumbrar para promover uma sociedade justa e democrática. Estes estão distribuídos pelos departamentos de Gestão e Tecnologia, de Educação, Ciências Básicas e Sociais e Agricultura, há também iniciativas de membro da Direção desse Campus.

Ao final da análise, podemos concluir que o perfil da extensão com eixo em educação popular no ano de 2019, se caracteriza da seguinte forma:

- Concentração dos projetos no Edital Probex 2019;
- Projetos difundidos pela quase totalidade dos centros;
- Destaque significativo de projetos voltados para a temática Educação, distribuídos por vários centros e em unidades gestoras;
- Os projetos da área da saúde também merecem destaque, quase em sua totalidade são provenientes do Centro de Ciências da Saúde e do Centro de Ciências Médicas;
- Unidades gestoras com iniciativas com essa metodologia;

- Projetos espalhados nos “campi” III e IV;
- Carência de projetos nas áreas temáticas de Comunicação, Meio Ambiente, Tecnologia e Produção e Trabalho;
- Ausência de projetos no Centro de Informática; no CTDR e no Campus II.

Ao mapear os projetos de extensão em educação popular, destaca-se que mesmo com o sistema de informação disponível, a forma de filtro dessas ações requer leitura de todos os projetos submetidos à plataforma, pois os projetos acima identificados, em sua grande maioria, não possuem no título do projeto a expressão “educação popular” ou “extensão popular”. Conclui-se que para ter acesso a esses projetos devemos recorrer a esse procedimento em qualquer ano que se pretenda mapear pelo sistema.

COSIDERAÇÕES FINAIS

Foi constatado, inicialmente, os aspectos relevantes da institucionalização da extensão universitária na UFPB, com destaque para as iniciativas de registros, sistematização e publicização. Vimos que esses aspectos foram impulsionados a partir da resolução 09/1993, como resultado tivemos a criação do Probex e Bandex, e de registros também em revistas impressas e eletrônicas, o mais recente em formato de jornal e notícias no site, porém em alguns períodos foi constatada a descontinuidade dessas práticas ou mesmo a falta de criação de novas iniciativas nesse sentido.

Vimos que esses fatores prejudicam a memória institucional em relação à extensão. Foi exatamente a dificuldade encontrada na pesquisa, em achar documentos que viabilizassem a construção da trajetória da extensão em educação popular na UFPB. Por isso decidimos começar a garimpar projetos de extensão popular registrados nos anais dos encontros de extensão, de forma muito precária em determinados períodos, mas conseguimos levantar dados de projetos que trabalham com essa perspectiva. Logo vimos que a pesquisa documental seria insuficiente para resgatar essa trajetória e optamos por entrevistar coordenadores de projetos expressivos, cujos relatos estão contidos nos primeiros anais dos encontros.

A pesquisa documental através dos projetos, aliada às entrevistas com coordenadores dos anos 1990, que é quando explode a retomada dessas iniciativas de extensão em educação popular na instituição, foi de extrema relevância para essa pesquisa, porque a pesquisa documental foi norteando a existência desses atores, o tempo que esses projetos permaneceram ou permanecem, e a contribuição que deixou, mesmo os que hoje não estão mais ativos. Os entrevistados nos proporcionaram registrar falas importantes do processo e contexto histórico desses projetos, suas peculiaridades, e nos relataram nomes de outros atores e outros coletivos, nos entregando uma visão geral de como a extensão nessa perspectiva iniciou-se na UFPB.

Temos como resposta para o primeiro questionamento, que só é possível propor avanços e dar passos seguintes numa direção exitosa, conhecendo a trajetória do

que se pretende avançar. Conseguimos identificar quem são esses projetos, o que eles fazem, onde fazem, e onde eles se encontram dentro da instituição. E aprofundar, mesmo com uma amostra pequena, detalhes dos projetos, como eles conceituam a educação popular e como acontece os registros dessas ações.

Um aspecto relevante encontrado com o resultado das entrevistas é a questão dos registros dessas ações, que só veio reafirmar as dificuldades existentes nos registros da extensão, lacunas que foram constatadas no decorrer da análise documental e reafirmadas por pessoas que vivenciam a extensão e as problemáticas que nela surgem. A partir dessa análise, é possível propor alternativas e ferramentas de fortalecimento desse segmento na UFPB. Podemos colaborar com a comunicação entre esses atores e criar mecanismos de permanência diante das dificuldades da extensão.

Para traçar o perfil atual, houve a necessidade de mapear os projetos de extensão em educação popular do ano de 2019 pelo sistema vigente, que está ativo desde 2017, identificar quais são esses projetos e onde eles se concentram. Com isso respondemos ao segundo questionamento da pesquisa. Foi constatado que mesmo com um sistema que possui várias ferramentas e opções de filtros, os projetos de extensão em educação popular não são devidamente sistematizados, são apenas registrados no sistema. Para localizá-los é necessário recorrer ao mesmo procedimento das buscas nos anais dos encontros.

Reconhecemos que o SIGAA no módulo extensão, é um avanço para os registros das ações de extensão, mas em relação aos projetos de extensão em educação popular fica aí essa lacuna. Fica a necessidade de desenvolver mecanismos, dialogar com as possibilidades de uma concretização de sistematização dessas ações de modo que a comunidade acadêmica possa ter acesso e conseguir enxergar onde esses atores estão inseridos, facilitando a comunicação e consequentemente a propagação cada vez mais desse segmento na instituição.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.
- FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Gráfica da UFRGS: Porto Alegre, 2012 (Coleção Extensão Universitária; v.7).
- FLEURI, R. M. et al. **Educação Popular e Universidade: Contradições e perspectivas emergentes nas experiências de extensão universitária em educação popular da Universidade Metodista de Piracicaba**. 1988. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252024>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- FLEURI, R. M. **Conversidade: conhecimento construído na relação entre educação popular e universidade**. **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, v. 27, 2004. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/161515810.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.

- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n. 2, p. 57–63, 1995, São Paulo. Disponível em: <http://www.wejconsultoria.com.br/site/wpcontent/uploads/2015/04/Introdu%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-Pesquisa-qualitativa-e-suas-possibilidades.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2018.
- IENO NETO, Genaro. **Assentamentos Rurais e Desenvolvimento: em busca de sentido** - O Projeto Lumiar na Paraíba. 2005. Tese (Doutorado em Programa de Pós Graduação em Sociologia) - Universidade Federal de Campina Grande, 2005.
- LEDEZMA, N. A.; BAZÁN, L. A. R. Políticas Públicas Educativas com participação social: um meio para reconstruir concepções e práticas desde a Educação Popular. In: UNESCO. **Educação popular na América Latina: desafios e perspectivas**. Brasília: UNESCO, MEC, CEAAL, 2005. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000372.pdf>. Acesso em: 25 maio 2020.
- MACIEL, K. F. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Revista Educação em Perspectiva**, v. 2, n. 2, p. 326-344, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoem perspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/196/70>. Acesso em: 27 set. 2017.
- MELO NETO, J. F. de. Extensão Universitária: bases ontológicas. **Extensão universitária: diálogos populares**, p. 13. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2002.
- MELO NETO, José Francisco de. **Educação popular: enunciados teóricos**. João Pessoa: Editora do CCTA, UFPB, 2015.
- MINAYO, M. C. **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NOGUEIRA, M. D. P.; MENDES, S. R.; MEIRELLES, F. S. C. Institucionalização da extensão nas universidades públicas brasileiras: estudo comparativo 1993-2004. In: FORPROEX, **Coleção Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Comissão Permanente de Avaliação da Extensão Universitária**. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2006.
- PAIVA, V. (org.) **Perspectivas e dilemas da educação popular**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- PEREIRA, D. de F. F.; PEREIRA, E. T. Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. **Revista HISTEDBR On-line**, n. 40, p. 72-89, 2010.
- SANTOS JÚNIOR, A. L. Universidade e sociedade: uma relação possível pelas vias da extensão universitária. **Revista Inter-Legere**, v. 1, n. 13, p. 299-335, 5 set. 2013.
- SILVA, A. M.; LINS, M. H. **SEAMPO – CCHLA – UFPB: construindo uma prática educativa popular**. 1º Encontro Paraibano de experiências em educação popular. Anais. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

TARGINO, I. A extensão nas universidades brasileiras: notas para discussão. In **Revista de Extensão**, Ano III, n. 7, João Pessoa, UFPB/PRAC, 1998.

VASCONCELOS, E. M. Educação Popular na Universidade. In: VASCONCELOS, E. M; CRUZ, P. J. S. C. (Org). **Educação popular na formação universitária**: reflexões com base em uma experiência. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. p. 15-24.

ZENAIDE, M. de N. T. Políticas de extensão universitária e a disputa pela hegemonia: a questão dos direitos humanos na UFPB. **João Pessoa: Programa de Pós-Graduação (Doutorado em Educação)**, v. 315, 2010.

ⁱ Para uma visão mais aprofundada sobre a pedagogia freireana, veja os textos de Freire (1979; 1984), Brandão (1984), Paiva (1984), Pereira e Pereira (2010) e Ledezma e Bazán (2005)

ⁱⁱ Convém lembrar a dificuldade de realizar a pesquisa documental resultante da reforma em curso na Biblioteca Central que limitou o acesso ao seu acervo e as dificuldades imposta pela pandemia do Covid-19.

ⁱⁱⁱ Na implantação dessa linha de pesquisa foi importante a contribuição de alguns professores como José de Ribamar Ribeiro, Milton Athade, Timothy Ireland.